

HISTÓRIA E QUADRINHOS: DISTOPIA E SOCIEDADE DISCIPLINAR NA HQ *DIAS DE UM FUTURO ESQUECIDO* (*UNCANNY X-MEN* – 1981)

Ramsés Eduardo Pinheiro de Morais Sousa
Mestre em História do Brasil
ramsespinheiro@hotmail.com

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo analisar a série *Dias de um Futuro Esquecido*, publicada na HQ norte-americana *Uncanny X-men* em 1981, a partir do seu diálogo com o presente e com as infinitas possibilidades inscritas naquele período. A partir da referida HQ, também problematizamos as idéias de distopia e sociedade disciplinar, esta última particularmente ligada aos estudos do filósofo francês Michel Foucault. Neste sentido, a primeira parte do artigo aborda de forma preliminar a relação entre história e histórias em quadrinhos, apresentando algumas contribuições relevantes neste campo. Na segunda parte, discorremos sobre os principais temas e enredos da HQ *Uncanny X-men*. Por fim, na última parte do artigo discutimos as ideias de distopia e sociedade disciplinar a partir da narrativa da série *Dias de um Futuro Esquecido*, apresentando algumas reflexões sobre a importância desta obra.

Palavras-chave: distopia.intolerância.poder.

ABSTRACT: This article aims to analyze the series *Days of Future Past*, published in the American HQ *Uncanny X-Men* in 1981, from its dialogue with the present and the infinite possibilities inscribed in that period. From that HQ also problematize the ideas of dystopia and disciplinary society, the latter particularly linked to the studies of the French philosopher Michel Foucault. In this sense, the first part of the article discusses in a preliminary way the relationship between history and comic books, presenting some outstanding contributions in this field. In the second part, we carry on about the main themes and plots of HQ *Uncanny X-Men*. Finally, the last part of the article we discussed the ideas of dystopia and disciplinary society from the narrative of the series *Days of Future Past*, presenting some reflections on the importance of this work.

Keywords: dystopia. intolerance. power.

Algumas palavras sobre História e Histórias em Quadrinhos

As histórias em quadrinhos, ou HQs, apresentam atualmente uma ampla recepção entre jovens e adultos em todo o mundo. Este processo teve início com o surgimento de tiras em jornais ainda no século XIX. Durante o século seguinte, a dinâmica do mercado consumidor, as mudanças sociais e históricas e a emergência de novos gêneros como os de “aventura” e “super-heróis” tornaram possível a vertiginosa expansão das HQs. Nesta perspectiva, Nildo Viana aponta que:

As mudanças dos personagens, temas, gêneros, também são produzidas socialmente. No bojo dos anos 1960 e da contracultura surgem os quadrinhos intelectualizados e underground. Este é o caso de Trashman, um guerrilheiro revolucionário; Fritz, Th e Cat; Mr.

Natural, etc. Os quadrinhos eróticos e outros voltados para o público adulto tornam-se possíveis a partir dos anos 1960, quando a expansão da produção capitalista produz a necessidade de expansão do mercado consumidor, e, com isso, a produção de “necessidades fabricadas” e novas opções de consumo. Esta era a época do que o sociólogo Henri Lefebvre denominou “sociedade burocrática de consumo dirigido”, mais conhecida como sociedade de consumo (VIANA, 2006).

Por outro lado, como observa o mesmo autor, o contexto histórico dos anos 1970 e 1980 tornaram possível o surgimento de um público leitor interessado por HQs inspiradas em temas políticos e sociais:

A partir de 1970 a censura estatal é abrandada em vários países e as exigências de recuperação de temas e reivindicações das rebeliões estudantis e lutas operárias do final dos anos 1960 e início da década seguinte são realizadas, visando proporcionar oferta para uma demanda existente e, ao mesmo tempo, desvinculá-la da totalidade das relações sociais visando despolitizar seu conteúdo. Nos anos 1980 surgem novas produções, nas quais o público-adulto é privilegiado, diversos personagens já existentes ganham mais complexidade e, além de meras aventuras de lutas e ações heróicas, ganham uma personalidade mais complexa e problemática, tal como Batman, cujo objetivo é manter o público jovem que se tornou adulto e iria querer algo mais do que as eternas histórias repetitivas de lutas contra os mesmos vilões. Neste momento, também aparecem obras mais politizadas, tal como V de Vingança, que apresenta a história de um herói anarquista que luta contra um regime fascista, que é, na verdade, como afirma o seu criador, Alan Moore, uma metáfora da sociedade inglesa sob o governo neoliberal de Margareth Thatcher (VIANA, 2006).

É neste momento, início da década de 1980, que a série que analisaremos nas próximas páginas *Dias de um futuro esquecido*, publicada na revista *Uncanny X-men* em 1981, resultado da parceria entre o roteirista Chris Claremont e o desenhista John Byrne. A proposta do presente artigo consiste em problematizar as idéias de distopia e sociedade disciplinar a partir do enredo da referida HQ e das contribuições de estudiosos do tema como Michel Foucault. Parte-se de uma abordagem que toma as HQs como literatura iconográfica e procura perceber a relação dos autores com a sociedade, ou se preferir o contexto histórico, bem como as inúmeras possibilidades presentes no texto em questão.

A este respeito, Sávio Queiroz Lima nos chama a atenção para uma abordagem epistemológica das HQs enquanto objeto-fonte:

Os objetos são os vestígios do passado passíveis de manuseio mais direto e proximidade para o inquérito. As histórias em quadrinhos confortavelmente são inseridas nessa categoria, pois são registros

diretos ou indiretos de discursos e valores, representam diversos imaginários das realidades sociais e culturais que propõem narrar entre textos e imagens. Produtos de um mercado com vivacidade, carregam facilmente uma biblioteca e somam imensuráveis conjuntos de obras, de autores, artistas, produtores, etc. Fazem isso com intensidade maior que outras mídias da Indústria Cultural, como o cinema e a televisão, pois possuem semelhança com jornais e novelas (LIMA, 2014).

A partir das ponderações do referido autor, procuro compreender o diálogo da HQ *Uncanny X-men: Dias de um futuro esquecido* com as expectativas sociais daquele contexto histórico no tocante a defesa de ideias e valores. Em outras palavras, procuro localizar as expectativas que estiveram presentes na produção desta HQ e que por sua vez foram potencializadas através da mesma.

Temidos e odiados por um mundo que juraram defender...

No ano de 1981, foi publicada na revista norte-americana *Uncanny X-men*, edições nº 141 e 142, a série *Dias de um futuro esquecido*, HQ que se tornaria um dos maiores clássicos desta franquia. No Brasil, a série foi publicada somente em 1986, nas edições nº 45 em nº 46 da revista *Superaventuras Marvel*. A série foi resultado da profícua parceria entre o roteirista Chris Claremont e o desenhista John Byrne, ambos haviam iniciado o trabalho em equipe em 1977 na revista *Uncanny X-men nº 108*, contribuindo decisivamente para que a publicação alcançasse o primeiro lugar na indústria de quadrinhos norte-americana. Deve-se a dupla a popularização de importantes personagens na série *X-men*, como Wolverine, Tempestade, Colossus e Noturno que se tornariam grandes ícones nos quadrinhos, na televisão e também no cinema (HUNTER, 2013).

Criados em 1963 por Stan Lee e Jack Kirby, os X-men inauguraram novas temáticas no mundo das HQ como a questão genética e a intolerância racial. O universo de *X-mennos* apresenta os mutantes, ou *homo superior*, que são temidos e odiados pela sociedade em razão de suas habilidades especiais desenvolvidas em consequência de alterações genéticas (o fator X) responsáveis pelo desenvolvimento de seus poderes. Em meio a esta trama de perseguição e intolerância, o grupo de mutantes conhecido como *X-men* liderado pelo professor Charles Xavier (Ciclope; Garota Marvel; Anjo; Fera e Homem de Gelo) tem o objetivo inicial de proteger os mutantes perseguidos e ensiná-

los a utilizar seus poderes em nome do sonho da construção de convivência harmônica entre humanos e mutantes.

Nesta perspectiva, o argumento de intolerância racial será uma constante nas histórias dos *X-men*. Sobre este aspecto, Marcos Vinicius comenta que:

É bastante revelador do que foi dito, quando nas aventuras, aparecem muitas vezes muros com pichações "fora mutantes!", "vamos limpar o mundo desse lixo genético!" reafirmando a ideia dos humanos "verdadeiros" como realmente puros. A mutação invalida a humanidade do indivíduo, relegando-o a um plano inferior dentro de um esquema classificatória que coloca os humanos num patamar superior e como espécie dominante no planeta. Dessa forma, o medo e a repulsa dos humanos frente a esta nova espécie, não dá escolha aos mutantes a não ser fortalecer seus laços na comunidade, ou seja, são praticamente empurrados para os interstícios e as margens da estrutura social (SIANI, 2003).

A partir do argumento da intolerância racial são constituído personagens como o Senador Robert Kelly, ferrenho defensor da causa anti-mutante no Congresso norte-americano; o reverendo William Stryker, fanático religioso que prega a ira de Deus contra os mutantes; e os *sentinelas*, robôs gigantes construídos pelo cientista Bolivar Trask com o objetivo de exterminar os mutantes. Em diferentes arcos da revista *Uncanny X-men* os sentinelas foram utilizados por diversos grupos para tentar destruir os *X-men*, entre eles os governos dos Estados Unidos e de Genosha (país fictício).



Sentinelas, robôs programados para capturar e eliminar mutantes

Por outro lado, a intolerância contra os mutantes não é encarada de forma tão parcimoniosa por outro personagem central na trama de *X-men*. Trata-se do mutante Erik Magnus Lehnsherr, conhecido como Magneto por ter o poder de controlar o campo magnético. Magneto compreende que os mutantes são uma evolução natural da raça

humana, e, como não são aceitos pela humanidade, devem dominá-la, e, se necessário, erradicá-la. Marcus Vinicius chama a atenção para o caráter deste personagem que não pode ser classificado simplesmente como vilão, o que seria render-se ao maniqueísmo, no sentido clássico, mas, sim, como um personagem que procura justificar seus atos segundo seu propósito maior de uma vida livre para os mutantes, ou seja, um claro projeto hegemônico (SIANI, 2003).

Após um período de baixa vendagem entre as décadas de 1960 e 1970, o roteirista Chris Claremont assume o comando da revista *Uncanny X-men* no ano de 1975 (cargo no qual permaneceria por 16 anos). Dois anos depois, tem início a parceria entre Claremont e Byrne que se materializa na revista. Neste período, os *X-men* já haviam adquirido uma nova roupagem com a introdução dos novos mutantes a equipe como Wolverine, Tempestade, Noturno, Colossus e Pássaro Trovejante (inseridos pela dupla Len Wein e Dave Cockrum). Entretanto, a parceria Claremont-Byrne foi responsável pelo *tournant* que revolucionou esta HQ, não apenas através das grandes sagas, mas a partir da construção de um perfil psicológico dos personagens que explorou seus conflitos pessoais, suas angústias, medos e expectativas.

Abordando com maior maturidade temas delicados como a intolerância racial, argumento que a dupla construiu o enredo de *Uncanny X-men* a partir dos conflitos recorrentes na sociedade norte-americana nas décadas de 1960, 1970 e 1980, no tocante a luta pelos direitos civis dos negros ou homossexuais. Estas relações constituem uma possibilidade plausível, uma vez que os autores jamais estão alheios ao contexto histórico no qual escrevem (SIANI, 2004).

Na série *Dias de um futuro esquecido* produzida pela dupla Claremont-Byrne, a trama de conflitos entre humanos e mutantes atinge o seu ápice produzindo uma sociedade não muito diferente dos regimes totalitários do século XX. Baseados na vigilância e repressão sistemáticas e na pretensão de controle sob todos as dimensões da vida dos indivíduos é possível que estes regimes tenham constituído outra inspiração dos nossos autores ao criarem seu futuro distópico.

Um futuro que não deveria ter sido

O enredo da série *Dias de um futuro esquecido* apresenta um futuro distópico, em outras, palavras um futuro alternativo que representa um verdadeiro pesadelo para os mutantes que são caçados, aprisionados em campos de concentração e executados pelos

sentinelas. Este futuro aterrador se passa no ano de 2018, no entanto, seu começo remonta a acontecimentos que ocorreram há mais de duas décadas.

A narrativa quadrinística apresentada por Claremont e Byrne tem início no ano de 1986 quando a *Nova Irmandade Mutante* (um grupo de mutantes que prega a luta aberta contra os humanos, originalmente liderado por Magneto) assassina o Senador Robert Kelly. Este ato desencadeia um ódio exacerbado contra os mutantes que em poucos anos adquire uma enorme proporção. Em 1988 um candidato anti-mutante radical é eleito presidente dos EUA e passa a adotar medidas de controle mutante. Em 1993 é aprovada a Lei de controle mutante que é questionada pela Suprema Corte, o que não impede que o governo norte-americano reative os *sentinelas* programando-os para por um fim à “ameaça mutante”. Visando cumprir sua programação os *sentinelas* subjagam os humanos que os criaram e passam a controlar o país. Na virada do século XX para o século XXI a América do Norte está sob total controle dos robôs.



Capa da revista Uncanny X-men 141 (1981) – início da saga “Dias de um Futuro Esquecido”.

Em 2018, os mutantes que sobreviveram ao extermínio promovido pelos *sentinelas* (que também atingiu os demais super-heróis do Universo Marvel como o Capitão América, o Homem de Ferro e o Quarteto Fantástico) são mantidos em campos de concentração, onde são obrigados a utilizar colares que inibe o uso de seus poderes. Nesta época, os *X-men* sobreviventes são Ororo (Tempestade), Peter Rasputin (Colossus), Kitty Pryde (Ninfa) e Logan (Wolverine). Juntam-se a eles a mutante

Rachel (filha de Ciclope e Jean Grey), o humano Franklin Richards (filho de Red Richard do Quarteto Fantástico) e o velho Magneto (que aparece em uma cadeira de rodas).

A saga tem como argumento central os planos deste núcleo de resistência contra o domínio dos *sentinelas*. Este grupo elabora um complexo plano para evitar o futuro assolador em que viviam. Em primeiro lugar, Wolverine consegue obter um aparelho que é capaz de anular os efeitos dos colares que impedem os mutantes de usarem seus poderes. Através deste aparelho, os mutantes recuperam suas habilidades especiais e a personagem Rachel emprega seus poderes telepáticos para enviar a mente da Kitty Pryde de 2018 para o corpo da Kitty Pryde de 1986, para que ela impedisse o assassinato do Senador Robert Kelly evitando, assim, a série de acontecimentos que culminava o futuro tenebroso em que os mutantes viviam.

A partir de então a história se passa paralelamente em duas temporalidades. Em 2018, os *X-men* sobreviventes enfrentam os *sentinelas* e invadem o edifício Baxter visando destruir o QG dos robôs. Em 1986, Kitty Pryde convence os *X-men* daquela época que é necessário impedir o assassinato do Senador Kelly para impedir o futuro tenebroso de onde ela veio. O clímax da série ocorre quando os *X-men* de 2018 vão sendo eliminados um a um pelos *sentinelas* que conseguem executar Wolverine de uma forma fulminante. Em 1986, a mutante Kitty Pryde consegue impedir que Sina (da *Nova Irmandade dos Mutantes*) matasse o Senador Kelly, evitando, aparentemente, aquele futuro aterrador.

Em *Dias de um futuro esquecido*, os traços de Byrne foram imortalizados a exemplo da capa da *Uncanny X-men* nº 141 (ver página anterior), onde *Wolverine* protege *Kitty Pryde* e ao fundo vemos um cartaz com as imagens dos *X-men* mortos (como Ciclope, Fera, Noturno) e presos (como Wolverine, Ninfa, Colossus). Outra imagem da série que marcou a história das HQs é o quadro onde um sentinela elimina Wolverine com uma rajada de energia de um sentinela. A violência da cena contrasta com a surpresa de ver um dos mutantes mais poderosos do Universo Marvel ser assassinado de forma tão rápida.



Uncanny X-men nº 142 – a morte de Wolverine por um sentinela no futuro distópico, uma das passagens mais marcantes da saga “Dias de um futuro esquecido” e da história dos quadrinhos.

Em *Dias de um futuro esquecido*, somos apresentados a um futuro distópico atravessado pelas idéias de intolerância e vigilância sobre os indivíduos. Desta forma, passo agora a analisar esta HQ a partir das ideias de distopia e sociedade disciplinar, explorando, assim, as possibilidades inscritas em sua narrativa.

Evanir Pavloski argumenta que a distopia deve ser compreendida como o outro da utopia, ou seja, uma utopia negativa. Ao contrário da utopia que postula sociedades modelares e idealizadas, a distopia recorre à sátira, ao fantástico e à tecnologia para demonstrar a existência de uma sociedade caótica e em decomposição, geralmente dominadas por regimes totalitários formados a partir de um rígido controle disciplinar sobre os indivíduos. Segundo Pavloski:

A mudança de utopia para distopia envolve precisamente a invasão do utopismo tradicional pelos conceitos e técnicas da ficção científica. Ocorre uma potencialização negativa das sociedades modelares – o que as torna repelentes por envolver a imposição da ordem à custa da liberdade – em projeções que nos forçam a enfrentar as implicações das utopias de modo mais concreto e, conseqüentemente, mais agudo (PAVLOSK, 2005).

Nesta esteira, o autor ressalta a intensa proliferação de uma literatura distópica na segunda metade do século XX, embora já existissem importantes referências do gênero, como *Nós* de Eugene Zamyatin (1920-1921) e *Admirável mundo novo* de Aldous Huxley (1932). Todavia, a obra que ficaria mais conhecida no âmbito da

literatura distópica seria *1984*(1948) do escritor inglês George Orwell. Sobre este livro Pavlosk argumenta que:

Em sua representação da sociedade distópica, Orwell potencializa os mecanismos totalitaristas, contrapondo-os à realidade do pós-guerra e oferecendo um alerta contra a disseminação dos princípios stalinistas e nazistas. Assim sendo, *1984* não constitui um refúgio para aqueles que se mostram desgostosos com o mundo real, mas uma representação aterradorante de um futuro possível fundamentado sobre aspectos concretos do panorama sóciopolítico do final da década de 40 (PAVLOSK, 2005).

Ao escrever sobre ficção científica e o imaginário do século XX, o historiador Ciro Flamarion Cardoso pontua que nas distopias:

A descrição concentra-se quase sempre num futuro *próximo*, situado só algumas décadas ou um século à frente, o que mostra a presença de um forte pessimismo a respeito de nossa própria época: aparentemente, nada de muito bom pode nascer dela. A onda distópica estende-se, por meio do *cyberpunk*, até estes últimos anos do século XX (CARDOSO, 2003).

A partir das contribuições dos autores citados, o estudo dos universos distópicos é interessante na medida em que “acionam aspectos do imaginário humano que funcionam simultaneamente como crítica do tempo presente e projeção das possibilidades futuras” (PAVLOSK, 2005). Nesta perspectiva, compreendo a sociedade distópica presente na HQ *Dias de um futuro esquecido* como uma leitura do seu próprio tempo e, ao mesmo tempo, como uma representação aterradorante de um futuro possível.

Na distopia em questão, os *sentinelas* dividiram a sociedade norte-americana de 2018 em três castas: os “H” de humanos desprovidos de genes mutantes, com permissão para procriar; os “A” de humanos anormais, pessoas comuns possuidoras de genes mutantes, proibidas de procriar; e os “M”, os mutantes, considerados a casta mais baixa composta de párias que são mantidos em campos de concentração. Neste universo, os mutantes são obrigados a utilizar uniformes verdes que tem a letra “M” gravada no lado esquerdo do peito e nas costas, além disso, também são compelidos a utilizar um colar que os inibe de utilizar seus poderes.

O confinamento dos mutantes em campos de concentração já nos remete a uma concepção de poder calcada na vigilância e controle dos corpos. Em outras palavras, podemos localizar na sociedade distópica elaborada por Claremont e Byrne elementos do que o filósofo Michel Foucault chamou de sociedade disciplinar, onde o poder são se

exerce tão somente pela força, mas por complexas redes de poder, na qual a vigilância e controle dos corpos é um traço fundamental. Neste sentido, Foucault argumenta na obra *Vigiar e Punir* que:

Pode-se então falar, em suma, da formação de uma sociedade disciplinar nesse movimento que vai das disciplinas fechadas, espécie de “quarentena” social, até o mecanismo indefinidamente generalizável do “panoptismo”. Não que a modalidade disciplinar do poder tenha substituído todas as outras; mas porque ela se infiltrou nomeio das outras, desqualificando-as às vezes, mas servindo-lhes de intermediária, ligando-as entre si, prolongando-as, e principalmente permitindo conduzir os efeitos de poder até os elementos mais tênues e mais longínquos. Ela assegura uma distribuição infinitesimal das relações de poder (FOUCAULT, 1987).

Diga-se de passagem, Foucault nunca elaborou uma teoria do poder, o que encontramos em sua obra são análises sobre o funcionamento do poder. Foucault não está interessado em definir o poder, mas em entender como ele funciona, o que o remete ao exercício do poder. Em seus vários estudos sobre esta questão, o filósofo francês argumenta que o poder não pode ser vista somente em sua expressão repressiva, mas também devemos observar como ele se constitui como instância positiva. Neste sentido, Inês Dussel pontua que o poder “não se exerce de cima para baixo, mas opera através de ramificações capilares e reticulares”. O poder não funciona nas mãos de alguns, mas “circula e funciona em cadeia” (DUSSEL, 2004).

Em *Dias de um futuro esquecido*, os campos de concentração de mutantes constituem uma síntese da ideia de sociedade disciplinar proposta por Foucault. Nesta esteira, Milan Wohland comenta que:

Para Foucault, o campo de concentração constitui a síntese da prisão, do manicômio e da fábrica, no sentido da afirmação do poder disciplinar em suas características: um tipo de organização do espaço, um controle do tempo, a vigilância como instrumento básico de controle e o registro contínuo do conhecimento. São, desse modo, introduzidas categorias que permitem uma análise mais acabada dessa forma organizacional que é o campo de concentração, estruturando a sua lógica de funcionamento interno. (...) Fica clara uma forma de poder que, a nível localizado, assume a feição disciplinar retratada por Foucault. Evidencia-se a alienação do indivíduo, em termos de uma estrutura hierárquica, despojado que está de sua humanidade: torna-se um executante, onde as finalidades de sua ação já não se encontram no seu juízo particular, mas na racionalidade própria da estrutura (WOHLAND, 1983).

Desta forma, naquela sociedade distópica os uniformes rigidamente padronizados usados pelos mutantes os desconstituíam enquanto indivíduos, alienando-

os como objetos. Nesta esteira, outro mecanismo de poder é a privação do próprio nome, uma vez que os mutantes passam a ser identificados por números. Nas primeiras páginas da série, um sentinela interpela a mutante Kitty Pryde da seguinte forma: “mutante 187, você está atrasada! Explique-se!”. Nesta curta passagem podemos localizar a despersonalização dos mutantes no campo de concentração e o rígido controle de tempo exercido sobre os mutantes. Após Kitty Pryde explicar-se ao robô, esteaciona o sensor encefálico, outro mecanismo de poder, dispositivo capaz de confirmar a versão apresentada pela personagem.

Este rígido controle sobre os corpos, e mesmo sobre a mente dos mutantes, nos remete a outra ideia presente nas obras genealógicas de Foucault, o panoptismo. Foi o filósofo inglês Jeremy Bentham quem concebeu o panóptico no final do século XVIII, um dispositivo racional que permitia a um observador central ver todos os locais de um determinado espaço. Segundo Foucault, é neste mesmo período que se começa uma disseminação sistemática de dispositivos disciplinares. Segundo o filósofo francês:

O sonho de Bentham, o Panóptico, no qual um único indivíduo poderia vigiar todo mundo, é, no fundo, penso eu, o sonho, ou melhor, um dos sonhos da burguesia (porque está sonhou muito). Esse sonho ela realizou. Ela talvez não o tenha realizado sob a forma arquitetural que Bentham propunha, mas é preciso lembrar o que Bentham dizia sobre o panóptico: é uma forma de arquitetura, é claro, mas é sobretudo uma forma de governo; é uma forma para o espírito exercer o poder sobre o espírito (FOUCAULT, 2003).

Mais adiante, Foucault argumenta que:

Vivemos em uma sociedade panóptica. Têm-se estruturas de vigilância inteiramente generalizadas, das quais o sistema penal, o sistema judiciário são uma peça, assim como a prisão, por sua vez, também o é; estruturas de vigilância das quais a psicologia, a psiquiatria, a criminologia, a sociologia, a psicologia social são os efeitos (FOUCAULT, 2003).

Deste modo, a vigilância extremamente racional desenvolvida pelos *sentinelas* em relação aos mutantes assemelha-se a ideia do panoptismo tal como discutida por Foucault. A vigilância levada a cabo sobre os mutantes nesta sociedade apresenta um elevado conteúdo tecnológico, presente nos colares inibidores que impediam os mutantes de usar seus poderes e sensores encefálicos que tornava impossível mentir para os robôs. A utilização da tecnologia como recurso que exacerba a sociedade disciplinar é um traço recorrente na literatura distópica, o que traz a tona reflexões sobre os usos da ciência como recurso de poder.

Na distopia apresentada por Claremont e Byrne, a tecnologia ocupa um lugar central. A própria configuração do regime totalitário constituído por robôs que se rebelaram contra os humanos e tomaram o controle do país para cumprir sua programação anti-mutante através de uma organização de controle e vigilância extremamente racionalizante evidencia este caráter. Como ressalta Evanir Pavlosk, a tecnologia é uma característica presente em diversas obras distópicas:

Em grande parte dessas obras, a tecnologia não é apenas um aspecto a ser considerado, mas o eixo central que sustenta todo o espaço ficcional. Nesses casos, a tecnologia supera a ideologia por trás de sua própria criação e desenvolvimento, tornando os indivíduos escravos das máquinas e irremediavelmente viciados numa sociedade tecnicista. Tal processo, denominado de complexo de Frankenstein por Isaac Asimov, pode ser facilmente percebido em narrativas como *Nós* e *Admirável Mundo Novo*, nas quais a tecnologia não representa o meio para alcançar um determinado objetivo, mas um fim em si mesma (PAVLOSK, 2005).

Em 1984, George Orwell também utiliza o recurso à tecnologia para instrumentalizar sua ideia de uma sociedade panóptica. Nesta obra, o autor aduz que em todos os lares existia um aparelho chamado teletela que funcionava ao mesmo tempo como televisor e como uma câmera. As teletelas transmitiam a programação oficial do governo e ao mesmo tempo captavam o que acontecia em frente ao aparelho, realizando uma complexa vigilância, uma vez que o aparelho não podia ser desligado. Em outras palavras, o autor emprega a tecnologia no texto como mais um recurso de regulação e controle do corpo social, um “olho do poder” na acepção de Foucault.

Em *Dias de um futuro esquecido*, a tecnologia não funciona apenas como um recurso normalizador, também remete o leitor a uma reflexão sobre os riscos e perigos do desenvolvimento tecnológico desenfreado. Neste sentido, os *sentinelas* seriam um experimento dos humanos para conter a ameaça mutante, todavia para cumprir esta missão se rebelam contra seus criadores e passam a administrar o país, eliminando todos aqueles que se opunham a tal propósito, uma alegoria que estava enraizada em grande medida na literatura de ficção científica do século XX.

A preocupação com as consequências do desenvolvimento tecnológico não foram apanágio de Claremont e Byrne, para ficarmos somente em um exemplo é interessante citar o livro seminal *Eu robô* (1950) e a extensa obra escrita por Isaac Asimov que introduziu esta discussão na ficção científica. Nesta coletânea de contos, o autor desenvolve um enredo atravessado pelo desenvolvimento tecnológico dos robôs,

que culmina em graves consequências para os humanos que se vêem sob o risco de ser subjugadas pelas máquinas.

A ideia de autonomia de robôs também foi explorada com êxito no livro *2011: uma odisséia no espaço* escrito em 1968 por Arthur C. Clarke e que foi transformado em filme homônimo no mesmo ano sob a direção de Stanley Kubrick, tornando-se um dos maiores clássicos do cinema de ficção científica. Nesta obra, durante uma viagem espacial, o computador Hall 9000 toma o controle da nave Discovery e se rebela contra os tripulantes da mesma, eliminando um a um dos seus astronautas.

Outro filme clássico no tocante ao domínio das máquinas sobre os homens é *O exterminador do futuro* (1984), cujo enredo tem como argumento um supercomputador que adquire autonomia e passa a considerar todos os humanos como inimigos. No tocante a este filme, as semelhanças com a série *Dias de um futuro esquecido* saltam aos olhos, seja na ideia de um futuro apocalíptico dominado por máquinas, seja na narrativa de um personagem que volta no tempo para tentar evitar este futuro catastrófico. Apesar das similitudes, o diretor James Cameron jamais admitiu nenhuma relação, apesar de confessar que sempre gostou de quadrinhos.

Em *Dias de um futuro esquecido*, Claremont e Byrne ressaltam outra possibilidade do vertiginoso desenvolvimento tecnológico. Em uma América do Norte controlada por sentinelas, os humanos da Europa ameaçam um ataque nuclear total contra esta parte do globo, o que culminaria nas palavras de Kitty Prydena “destruição do mundo em um holocausto nuclear”. A ideia de dizimação do planeta pelas armas nucleares era uma preocupação concreta desde o pós-guerra, ainda presente com muita força no início dos anos 1980 nos EUA do presidente Ronald Reagan.

Ao projetar um futuro distópico, onde os EUA estão em escombros e os mutantes são permanentemente vigiados em campos de concentração, com uso de alta tecnologia sentinela, Claremont e Byrne parecem potencializar o futuro como uma incógnita, provocando uma reflexão acerca dos caminhos pelos quais as sociedades se desenvolvem. Desta forma, como já apontado, a alegoria dos campos de concentração de mutantes poderia representar uma possibilidade das exacerbações de situações candentes à época em que os autores elaboram a série, a exemplo da intolerância racial patente nos EUA ou mesmo o regime segregador do *apartheid* na África do Sul que confinavam os negros em guetos.

Mais uma vez destaco a reflexão acerca das distopias como um modo de projetar as possibilidades inscritas em nossa própria época. Na página final da saga *Dias de um*

futuro esquecido (no presente de 1986), o *X-men* Anjo afirma que o Senador Kelly foi salvo e pergunta ao professor Charles Xavier se eles conseguiram mudar o futuro. O professor lhe responde que só o tempo poderá dizer.

O epílogo da saga não poderia ser mais apropriado, um mês após ter sido salvo pelos *X-men*, o Senador Kelly encontra-se com o Presidente dos EUA e lhe entrega um relatório sobre as atividades mutantes, acompanhado de recomendações bastante severas em relação aos mesmos. O Presidente concorda com os riscos da ameaça mutante postulados pelo senador e autoriza seu assessor Henry Gyrich a pôr em prática o *Projeto Despertar*, que prevê uma aliança com as *Indústrias Shaw* para projetar uma nova série de robôs *sentinelas* com o propósito eliminar os mutantes em caso de ameaça a humanidade.

A manutenção do projeto de construção de *sentinelas* mesmo após os *X-men* salvarem a vida do Senador Kelly, o que em tese evitaria o futuro caótico no qual os mutantes seriam segregados de forma radical, é um elemento-chave onde os autores nos dão pistas sobre a resposta à pergunta do mutante Anjo “será que mudamos o futuro?” Neste epílogo, Claremont e Byrne parecem nos indagar se o horrendo futuro dos mutantes está mesmo distante de ser um futuro possível.

O argumento de *Dias de um futuro esquecido* referenciou a elaboração de outras distopias em *X-men*, a exemplo do futuro do mutante Bishop, onde os *sentinelas* dominam humanos e mutantes, mantendo os últimos em campos de concentração e marcando-os com a letra “M” no olho direito. De outro modo, a saga *Era do Apocalipse* constitui outro futuro distópico em *X-men*, desta vez o argumento inverte-se e o mutante Apocalipse ancorado na sua “lei do mais forte”, subjuga os humanos, mantendo-os em campos de concentração onde eles são eliminados.

Ao projetar as incertezas do tempo presente neste HQ sobre um futuro distópico, os autores problematizam discussões relevantes e necessárias como a intolerância racial, o totalitarismo, as consequências do desenvolvimento tecnológico. Em *Dias de um futuro esquecido*, o futuro está longe de ser a tradução da linha de tempo agostiniana, seu enredo provoca estranhamento e ao mesmo tempo reflexão sobre as inúmeras possibilidades latentes do desenvolvimento das sociedades.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Ciro Flamarion. *Ficção científica, imaginário do século XX: uma introdução ao gênero*. Niteroi-RJ: Vício de leitura, 2003, 92 p.

DUSSEL, Inés. “Foucault e a escrita da história: reflexões sobre os usos da genealogia”. *Educação & Realidade*, vol. 29, n. 1, p. 45-68, 2004.

_____. *Vigiar e punir*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1987, 348 p.

FOUCAULT, Michel. *Ditos & Escritos* (vol. IV): *Estratégia, Poder-Saber*. (org. Manoel Barros da Motta). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, 396 p.

HUNTER, Pedro. *Os X-men de Chris Claremont e John Byrne*. Disponível em: <omelete.uol.com.br>. Acesso em: 10 de julho de 2013.

LIMA, Sávio Queiroz. A abordagem epistemológica das Histórias em Quadrinhos enquanto objeto-fonte. In: Congresso Internacional da Faculdade EST, São Leopoldo - RS. Anais Congresso Internacional da Faculdade EST, 2014.

PAVLOSK, Evanir. *1984: a distopia do indivíduo sobre controle*. 2005. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

SIANI, Marcos Vinicius Borges. *Alegorias da diferença: valores, estigmas e segregação social nos quadrinhos*. 2003. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

VIANA, Nildo. “O Que Dizem os Quadrinhos?”. *Sociologia*, São Paulo, v. 17, p. 53-62, 2008.

WOHLAND, M. “Campos de concentração como organização burocrática: notas para estudo”. *Revista de Administração de Empresas*, v. 23, n. 2, p. 49-53, 1983.